



PROC. N.º 494-82

GRUPO DE TRABALHO FUNAI/RADAI

RÉLATÓRIO SOBRE A RESERVA INDÍGENA SORORÓ

A Reserva Indígena SORORÓ, habitada pelos índios SURUF, de tronco lingüístico TUPI, possui uma população atual de 68 indígenas, sendo 16 (dezesseis) homens e 16 (dezesseis) mulheres adultos e 15 (quinze) homens e 19 (dezenove) mulheres menores.

Sua localização em outra área de ricos castanheais proporcionou a repetição do mesmo grave e funesto choque de interesses entre uma economia capitalista de âmbito intercontinental e uma economia de subsistência, de caráter extrativista local, voltada para a conservação do ambiente natural.

Seu problema essencial, justamente no que diz respeito à validade da Reserva para os indígenas, já estão consubstanciados no Processo FUNAI/2/091/74, no qual já tive oportunidade de emitir parecer.

Na oportunidade, partira do levantamento histórico-antropológico procedido pelo Professor ROQUE LÁRAYA, segundo o qual ficou provado que o atual território ocupado pelos indígenas, sem contar com as partes reivindicadas, é apenas uma fração reduzida de sua efetiva área de utilização, exatamente as melhores terras e onde foram sumariamente expulsos.

Como em toda a região do baixo Araguaia e do médio e baixo TOCANTINS, os principais fatores para a penetração e ocupação não-indígena foram os garimpos de ouro, diamantes e cristais de rocha, assim como a procura de peles valiosas para o mercado externo, além do caucho, da castanha e da atividade pastoril.

Na área dos SURUF especificamente, as frentes de ocupação pela sociedade envolvente mais importantes se constituem, hoje em dia, pelas atividades agropecuárias e a coleta de castanha.

De fato, desde os primeiros contatos entre os índios e os primeiros não-indígenas ocupantes da região, os primeiros conflitos foram oriundos do choque de interesses destes dois siste

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL

Data

Cod. SPD00037



PROC. N.º 1494-82
BRASIL

mas econômicos, muito embora, em nenhum momento, os SURUÍ se tivessem comportado belicosamente.

Consta que há pouco mais de meio século, vários índios foram assassinados por terem morto alguns animais da fazenda dos Altos Montes, perto de Santa Isabel, evidentemente com objetivos alimentares. Não conhecendo então a criação de gado, muito menos como propriedade privada, encaravam os animais como mais uma dadivosa fonte de caça.

O incidente mais importante, porém, deu-se em 1947, quando coletores de castanha estabeleceram uma colocação no lugar denominado CAJUEIRO, bem próximo à aldeia antiga dos índios. Quando estes tentaram pacificamente uma aproximação, foram repelidos a bala, com mortos e feridos. Este trágico episódio obrigou-os a se transferirem para a atual aldeia, distante oito quilômetros do CAJUEIRO.

Em nova amarga experiência, dez anos mais tarde, já depois de atraídos pelo Missionário GILGOMES, os SURUÍ tentaram aproximação com castanheiros da colocação FORTALEZA, mas foram espingardeados, resultando índios mortos e feridos.

Tendo perdido, por doenças adquiridas aos brasileiros, nos anos seguintes, 60% (sessenta por cento) de sua população original, de cem pessoas aproximadamente, viram também açambarcadas as melhores áreas da mata que compreendia sua fonte principal de alimentação: a caça e a coleta de castanha, uma vez que a pesca é muito reduzida pela exigüidade do Igarapé SOROROZINHO que atravessa e serve sua Reserva.

E assim, cada vez mais acossados, confinados nas piores terras da região, uma vez que as melhores foram sendo traioeiramente roubadas e negociadas até pelas pessoas em quem mais confiavam, vivendo de roças e tendo que caçar em terras já não consideradas suas pelos novos proprietários particulares que se estabeleceram e cujos nomes são bem conhecidos, resolveram os índios, desesperados, a lutar mais abertamente pela sua sobrevivência. E desse modo, estão perdendo a própria conduta pacífica que antes lhes caracterizava e uma atitude de rebeldia contra qualquer medi



PROC. N.º 149/76-02
Proc. 1494/82
Fls. 07
S. 100/100

da que restrinja a plena liberdade coletiva ou individual do grupo como sair da área, por exemplo, tem sido uma constante no comportamento dos SURUÍ, profundamente estigmatizados pela preconceituosa e interesseira sociedade envolvente.

A FUNAI, por sua vez, tem encontrado toda sorte de dificuldades para oferecer a devida assistência aos índios. Primeiramente, devido à própria situação de litígio de suas terras. Em seguida pelas poucas facilidades de acesso principalmente no inverno quando a precaríssima estrada via São domingos se torna quase intrafegável e o campo de pouso, mal preparado, não permite viagens aéreas seguras. E, em terceiro lugar, a própria falta de recursos da Ajudância de Marabá que, no momento, não está aparelhada para oferecer uma assistência à altura. Mesmo assim, foi recentemente concluída a Casa-sede definitiva do Posto.

C O N C L U S Ã O

Os indígenas, por todos os motivos apontados, inicialmente, fazem a mais absoluta questão, e com toda a justiça, de que suas tradicionais áreas de sustento, principais fontes de sua alimentação, lhes sejam devolvidas. Estas áreas são especialmente a do CAJUEIRO, onde antigamente habitavam, e FORTALEZA, dominada por vasto castanhal. De um modo geral, compreende uma boa área que tem como base um ponto a partir do GROTÃO DOS CABOCLOS e cuja configuração total vai representada graficamente.

Brasília-DF., 18 de agosto de 1976.

Alceu Cotia Maria
ALCEU COTIA MARIA

AC/enc